

TERRITÓRIOS ARQUEOLÓGICOS – O SOLO DAS PESQUISAS DE MICHEL FOUCAULT

ARCHAEOLOGICAL TERRITORIES –
THE GROUNDS OF MICHEL FOUCAULT’S RESEARCH

Jussara Tossin Martins*

RESUMO: Para Michel Foucault, a análise arqueológica tem a tarefa de revelar e descrever as configurações da rede de relações que possibilitam o surgimento de acontecimentos singulares na ordem do saber. Embora tenha por objeto a análise da história do conhecimento, Foucault procura deixar claro que não se trata de uma epistemologia, pois seu objeto ultrapassa os limites das fronteiras estabelecidas pelas ciências legalmente constituídas, indagando também os discursos desprovidos de cientificidade. A arqueologia busca a descrição do arquivo, do horizonte geral que permite descrever formações discursivas e positivities. Além disto, a arqueologia possibilita estabelecer as fronteiras de uma *epistémé*. Sinônimo de solo epistemológico em seu interior se encontram as positivities, os sistemas de regras da prática discursiva e da formação e transformação dos enunciados. No entanto, somente em *Arqueologia do saber* é que Foucault define o espaço do saber, espaço mais amplo e inesgotável onde são estabelecidos os limites de uma *epistémé* e a descrição de todos os seus componentes.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia. Territórios Arqueológicos. Saber.

ABSTRACT: For Michel Foucault, the archaeological analysis have a task to disclose and describe the configuration of the network of relationships that enables the sprouting of singular events in the order of knowledge. Although he aims for the analysis of the history of knowledge, Foucault clarifies that it is not an epistemology, as its object exceeds the established limits of legally constituted sciences, also probing into the sources lacking the scientific bases. The archaeology searches for the description of the archive, of the general horizon which allows a description of discursive formations and positivities. Moreover, the archaeology allows the establishment of the boundaries of an *episteme*. The synonym of the epistemological ground is in its interior where the positivities, the systems of rules of the discursive practice and the formation and transformation of the statements are found. However, only in *The Archaeology of knowledge* Foucault defines the space of knowing, ampler and inexhaustible space where the limits for *epistémé* and the description of all its components are established.

KEY WORDS: Archaeology. Archaeological Territories. To know.

Introdução

A primeira fase da produção filosófica de Foucault é marcada pelo termo-categoria *arqueologia*, acrescentado pelo filósofo como subtítulo das quatro obras que marcam o

* Mestranda em Filosofia-UNIOESTE. Contato: caixapostaldaju@hotmail.com

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

período em questão. A arqueologia designa não só uma fase determinada da filosofia foucaultiana, mas a orientação dada às pesquisas empreendidas inseridas num projeto mais abrangente que envolve a crítica às ciências tradicionais, cujo modo de saber específico pretende, segundo Foucault¹, ser veículo exclusivo de produção e propagação da verdade. O projeto arqueológico de Foucault visa mostrar que este saber científico e as verdades que produz não passam de uma entre outras formas possíveis de compreender a realidade. Para isto, o caminho adotado passa pela tentativa de levar a ciência à consciência de seus limites, evidenciando a forma do outro² como positividade, como caminho também possível de compreensão do real.

Desta forma, a primeira dimensão dos trabalhos de Foucault visa revelar as configurações que possibilitaram acontecimentos como o aparecimento da psiquiatria, o nascimento da medicina moderna e o surgimento das ciências humanas. Neste sentido, a avaliação foucaultiana das configurações epistêmicas confunde-se com a pesquisa dos solos epistemológicos, das condições de possibilidade do surgimento de tais saberes, em suma, dos *a priori* históricos que tornaram possível o aparecimento de acontecimentos específicos em instantes específicos no campo do saber. Interessa-nos neste trabalho evidenciar a pesquisa dos territórios epistemológicos realizada por Foucault. Para isto faz-se necessário abordar também os conceitos de positividade, arquivo e *epistémé*, uma vez que a análise dos territórios arqueológicos é estabelecida pelo filósofo em estreita relação com os conceitos citados. Antes de analisar as considerações de Foucault sobre a questão do campo de ação da arqueologia consideramos imprescindível tecer algumas considerações conceituais sobre a definição de arqueologia, procurando evidenciar alguns aspectos que permitem localizá-la em uma posição paralela com relação às teorias e metodologias tradicionais de análise das ciências. Neste sentido, exporemos a seguir alguns momentos em que Foucault apresenta a arqueologia como uma forma de análise que caminha ao lado destas teorias e metodologias, mas que não se confunde com elas.

¹ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. p. 13.

² A exemplo da loucura e da figura do louco, dos saberes pré-conceituais ou não-canônicos.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

A arqueologia

A partir das análises das formas de percepção da loucura, dos estudos sobre o olhar médico e das pesquisas sobre o nascimento das ciências humanas, Foucault visa mostrar como o solo sobre o qual suas pesquisas repousam se afasta do tema antropológico clássico e aproxima-se dos conceitos de positividade, arquivo e *epistémé*. Para o filósofo, trata-se de definir um tipo de análise histórica ocupada com o estudo da história do conhecimento e, ao mesmo tempo, liberta da necessidade de dar primazia ao sujeito. Encontra-se nas pesquisas empreendidas a tarefa de revelar as configurações que possibilitaram a irrupção de acontecimentos na ordem do saber. O filósofo procura analisar as diferentes redes e níveis aos quais um acontecimento pertence, por exemplo, nas pesquisas foucaultianas citadas: o acontecimento da aparição das doenças mentais, da clínica ou o surgimento das ciências humanas. Da mesma forma quer revelar a possibilidade de um acontecimento que permita o desaparecimento das ciências humanas ou quem sabe, a mutação do olhar médico e a redefinição das doenças mentais ou seu desaparecimento. Vejamos em seguida alguns momentos da produção filosófica de Foucault em que ele procura definir a análise arqueológica.

Em entrevista concedida à revista *Magazine littéraire* realizada em 1969, Foucault explica a adoção do termo arqueologia para a designação de suas pesquisas, procurando expor o sentido que o termo adquire no contexto de sua filosofia. Uma arqueologia, segundo o filósofo, é uma forma de análise que difere tanto de uma história – no sentido de relato contínuo, análise do passado e da duração – quanto de uma epistemologia. Etimologicamente, embora o termo comporte o radical grego *arké* (começo), os começos descritos pela arqueologia estão longe da busca de uma origem primeira, de um fundamento absoluto que possibilitou todo o restante. Os começos objeto da arqueologia são sempre começos relativos mais próximos das instaurações e transformações, às quais Foucault chama de subversões teóricas. Trata-se de definir os sistemas de regras que regulam as descobertas, as invenções e as mudanças de perspectivas. Foucault também evita pensar a arqueologia no sentido de escavação, procurando relações escondidas e secretas numa profundidade maior que a consciência dos homens. A arqueologia busca definir relações que se encontram na superfície dos discursos. Na filosofia foucaultiana o termo discurso apresenta sentido diferente daqueles admitidos pela lingüística, lógica e filosofia analítica. Para Foucault, a noção de discurso

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

denomina um conjunto de enunciados dispostos em campos discursivos distintos, mas que obedecem às mesmas regras de formação e funcionamento. São práticas que obedecem a regras de existência e coexistência. Estas regras, por sua vez, repetem cortes que podem ser determinados historicamente, cujo conteúdo nós passamos a repetir. O discurso é constituído por um conjunto de seqüências cíclicas e pode ser assim fixado desde que seja possível atribuir a estas seqüências modos particulares de existência. Esta definição, propositalmente, difere dos modelos concebidos pelos lógicos, analistas e lingüistas. A explicação para esta divergência apóia-se na atitude de libertação que perpassa a obra de Foucault. O filósofo quer definir o discurso sem apoiar-se em unidades pré-existentes, antes, pretende moldar conceitos nascidos na arqueologia e que, ao mesmo tempo, sirvam-lhe de suporte. O discurso é uma prática consistente, quase material, submetida a sistemas de funcionamento que regem as formações discursivas.

Em outro momento de sua produção, Foucault designa o domínio da arqueologia como sendo a definição de um espaço. Trata-se, segundo Foucault³, de “(...) definir uma posição singular pela exterioridade de suas vizinhanças; (...) tentar definir esse espaço em branco de onde falo, e que toma forma, lentamente, em um discurso que sinto como tão precário, tão incerto ainda.” E em outro ponto, Foucault⁴ explica que a arqueologia pretende dar conta da análise de uma *mutação epistemológica* que está acontecendo na atualidade⁵. Ela coloca em questão as análises da história⁶, seus problemas, seus instrumentos e seus métodos. Esta mutação epistemológica da qual fala Foucault está ocorrendo no nosso sistema de pensamento e no momento presente, ou seja, está em processo de efetivação e tem seu primeiro momento em Marx. Há duas faces deste sistema em pleno funcionamento. De um lado, aqueles que

³ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 19.

⁴ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 13.

⁵ A noção de atualidade aparece na obra de Foucault de duas formas diferentes. Segundo Revel, por um lado, está estritamente relacionada com a noção de acontecimento. Consiste em compreender como um acontecimento pode gerar uma série de comportamentos, práticas e discursos e da mesma maneira, compreender como eles se estendem até nós. De outra forma, a noção de atualidade está relacionada com o comentário de Foucault ao texto de Kant, *O que é o Iluminismo?* Segundo Foucault, Kant, pela primeira vez, coloca a questão de pensar filosoficamente a própria atualidade, passo este que marca a passagem para a modernidade.

⁶ Segundo Revel, o uso freqüente do termo história por Foucault recobre três eixos de discursos distintos. O primeiro é uma clara e explícita retomada da crítica de Nietzsche a uma história concebida de forma contínua e linear, provida de uma origem e caminhando em direção a um *telos*. A crítica também atinge o discurso dos historiadores de uma história monumental e supra-histórica. Esta retomada nietzschiana é que vai levar Foucault à adoção do termo *genealogia* no começo dos anos 70. O segundo eixo corresponde a uma atenção peculiar ao conceito de acontecimento e de arquivo. O terceiro eixo se desenvolve em função do interesse do filósofo pelo arquivo e leva Foucault a problematizar as relações entre a prática filosófica e a prática histórica, em colaboração com alguns historiadores e, ao mesmo tempo, colocar em questão a evolução historiográfica francesa a partir dos anos 60.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

insistem no discurso do contínuo, cujo protagonista é o sujeito originário e organizador, a consciência histórica que é a garantia de todo devir. De outro lado, aqueles que pensam a descontinuidade e a diferença, que descrevem afastamentos e dispersões, limiares, mutações, séries e sistemas independentes. Trata-se do ponto de partida da análise arqueológica. No campo da história Foucault constata a existência de um paradoxo entre duas formas de pesquisa histórica, de um lado os historiadores em geral e de outro os historiadores das idéias e das ciências. Estes liberam as descontinuidades enquanto aqueles isolam apenas as continuidades. As pesquisas arqueológicas partem exatamente desta situação paradoxal que está ocorrendo no campo da história em geral. Em *Arqueologia do saber*, Foucault especifica as particularidades e singularidades das vertentes de pesquisa histórica citadas no parágrafo anterior com o objetivo de diferenciá-las das pesquisas arqueológicas, às quais o filósofo chama de *nova história*. Ao falar em definir o espaço de onde emite seu discurso e, ao mesmo tempo, evidenciar a ocorrência de uma mutação no campo do saber, mais precisamente no campo da história, Foucault parece apontar para a ocorrência de uma mudança de configuração na grade epistêmica sobre a qual se constituem os saberes contemporâneos⁷. Esta explicação parece plausível quando levamos em conta que ao longo de suas pesquisas, Foucault constata, no interior de um campo epistemológico, a constante mutação e transformação de seus saberes constituintes que, no entanto, não consiste precisamente numa mudança abrangente de configuração. Posto que nosso objetivo neste trabalho é o de evidenciar as pesquisas dos territórios epistemológicos, aprofundaremos as análises sobre a mutação epistemológica em outra ocasião.

Ao designar a arqueologia como uma forma de análise, Foucault também tem o propósito de situá-la perante as formas clássicas de teorias e metodologias. Foucault⁸ argumenta: “(...) a arqueologia não era nem completamente uma teoria, nem completamente uma metodologia.” Não é uma teoria, posto que lhe faltam elementos importantes para que se configure como tal. Foucault exemplifica: as relações entre as formações discursivas e as formações sociais e econômicas, cuja importância foi incontestavelmente estabelecida pelo marxismo, simplesmente não foram sistematizadas. “Seria preciso elaborar tais relações para

⁷ Foucault explica que a arqueologia ocupa-se em revelar os princípios e as conseqüências de uma transformação a ser realizada nos domínios do saber histórico. Ao mesmo tempo, a arqueologia coloca problemas, põe em questão métodos e instrumentos e define conceitos. Por fim, a arqueologia obtém resultados que não só revelam a transformação no campo do saber histórico, bem como constituem-se nela própria.

⁸ FOUCAULT, M. *Entrevista com Michel Foucault*. p. 17.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

construir uma teoria”⁹. O mesmo se dá com relação às metodologias, pois o filósofo não procura estabelecer um programa de regras e uma seqüência de operações antecipadas, cuja execução garante sejam evitados os erros e as armadilhas da investigação, permitindo o acesso ao conhecimento verdadeiro. Nas palavras de Machado a arqueologia:

Se pode ser considerada um método, [...] caracteriza-se pela variação constante de seus princípios, pela permanente redefinição de seus objetivos, pela mudança no sistema de argumentação que a legitima ou justifica.¹⁰

Trata-se enfim, de construir uma forma de análise histórica que esteja desvinculada do tema antropológico. Para tal, os instrumentos criados e utilizados nas pesquisas realizadas em *História da loucura, O nascimento da clínica e As palavras e as coisas*, passam por uma crítica interna e são retificados e re-elaborados em *Arqueologia do saber*. Os resultados obtidos desta crítica reforçam e definem a análise arqueológica como um tipo de análise isenta da obrigação de passar pelo sujeito para analisar a história do conhecimento. As pesquisas empreendidas por Foucault em *História da loucura, O nascimento da clínica e As palavras e as coisas* levaram à descoberta do solo que tornou possíveis estes saberes. Estas pesquisas descobriram, segundo Foucault¹¹, “(...) neste debate sobre o humanismo e antropologia – o ponto de sua possibilidade histórica.” Enfim, Foucault define a arqueologia e seu campo de atuação como sendo a *descrição do arquivo*.

Com base no que dissemos até agora podemos definir a arqueologia, negativamente, como uma forma de análise que não é história nem tampouco epistemologia. Não busca construir-se na forma das teorias e menos ainda das metodologias. A arqueologia não procura fundamentos absolutos e não se interessa pelas interpretações, tampouco busca a descrição de disciplinas. Segundo Foucault, positivamente, a análise arqueológica busca descrições e definições de começos relativos e de transformações. Analisa o campo do saber, as formações discursivas e as positivities. Vejamos em seguida as considerações do filósofo a respeito dos domínios objeto da arqueologia.

⁹ FOUCAULT, M. *Entrevista com Michel Foucault*. p. 17.

¹⁰ MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. p. 51.

¹¹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 18.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Os territórios arqueológicos

Foucault elabora alguns conceitos em *Arqueologia do saber* que pretendem dar conta da questão do campo de ação da análise arqueológica. É o caso dos conceitos de positividade, *a priori* históricos e arquivo. Também em *Arqueologia do saber*, Foucault retoma o conceito de *epístemé* – solo epistemológico – elaborado inicialmente em *As palavras e as coisas*, explicando-o rapidamente. Estes conceitos são analisados extensamente por Foucault nas três obras do período arqueológico, anteriores a *Arqueologia do saber*. Desta forma, indicaremos neste trabalho algumas características destes conceitos sem querer esgotar as considerações sobre o assunto, visto que a ampla abordagem destes conceitos excederia as margens concretas e teóricas deste artigo.

Inicialmente vejamos alguns aspectos do conceito de positividade. Uma positividade define um espaço relativamente restrito de comunicação. Restrito, posto que se comparado a uma ciência – cujo espaço pode ser caracterizado pela extensão de seu devir histórico – não apresenta a mesma amplitude desta. Entretanto, este espaço apresenta-se mais extenso que o jogo de influências que um autor pôde exercer sobre outro. No âmbito de uma mesma formação discursiva encontram-se diferentes tipos de produções, obras, livros dispersos, textos, bem como autores. Há neste espaço e entre estas produções e autores um sem número de relações estabelecidas em uma trama, uma rede na qual as diversas produções se entrecruzam, gerando encontros e distanciamentos, críticas e reencontros. Estas figuras diversas são individualidades que produzem e comunicam pelos encadeamentos lógicos das proposições que as compõem e pela obstinação em transmitir significados redescobertos. Comunicam também, e isto é mais importante para a análise arqueológica, pela forma de positividade de seus discursos. Uma forma de positividade “[...] define um campo em que, eventualmente, podem ser desenvolvidos identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos”¹², ou seja, permite o aparecimento da medida segundo a qual se identificam discursos que desenvolvem um mesmo campo conceitual, que lhes permite falar das mesmas coisas em um mesmo nível. Em compensação, uma positividade faz aparecer também a razão pela qual discursos de campos conceituais diferentes não falam das mesmas coisas, encontrando-se, portanto, em níveis diferentes do saber.

¹² FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 144.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Segundo Foucault¹³, uma positividade caracteriza a unidade de um discurso. Esta unidade atravessa o tempo ultrapassando as fronteiras que usualmente dividem um conjunto de discursos em singularidades, como obras individuais, livros e textos. É a positividade que estabelece as fronteiras de uma unidade discursiva e permite que uma série de discursos seja unificada como “o” discurso da história natural ou da economia política, por exemplo. No âmbito das fronteiras da unidade discursiva podemos encontrar também livros, obras e textos. Esta unidade discursiva à qual a positividade dá forma é composta por um conjunto de enunciados. Este conjunto de enunciados, por sua vez, pode ser descrito como figura lacunar e retalhada, rara, pois, no campo enunciativo, poucas coisas podem ser ditas de fato. Além deste traço característico, o conjunto de enunciados pode ser descrito segundo a dispersão de uma exterioridade, ou seja, sem referência à interioridade de um pensamento ou de um sujeito. Na descrição do conjunto de enunciados é possível reencontrar o modo de existência que os caracteriza, a forma específica de acúmulo que permite que subsistam, conservem-se, sejam reativados e eventualmente esquecidos ou destruídos. Enfim, uma positividade pode ser descrita como um momento de emergência,

o momento a partir do qual uma prática discursiva se individualiza e assume sua autonomia, o momento, por conseguinte, em que se encontra em ação um único e mesmo sistema de formação dos enunciados, ou ainda o momento em que este sistema se transforma [...]”¹⁴.

Do ponto de vista de sua função, uma positividade desempenha o papel de um *a priori* histórico, ou seja, é condição de realidade para enunciados. Trata-se de “[...] isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem”¹⁵. É importante acrescentar que o *a priori* histórico abrange o campo das coisas efetivamente ditas, ou seja, da materialidade discursiva e de sua história específica. Assim, o *a priori* histórico comporta um tipo de história que se apresenta na forma da dispersão enunciativa no tempo, da distribuição não-coerente que expõe as falhas do jogo dos enunciados à análise arqueológica. Sua forma de superposição e substituição apresenta um modo de sucessão que não permite a unificação e que foge à história contada na forma do devir. Além de caracterizar-se como um sistema de dispersão, o *a priori* histórico apresenta-se

¹³ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 143.

¹⁴ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 208.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

como um conjunto transformável que comporta o conjunto das regras que caracterizam a prática discursiva,

[...] ora, essas regras não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam; estão inseridas no que ligam; e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles se transformam em certos limiares decisivos. O *a priori* das positivities não é somente o sistema de uma dispersão temporal; ele próprio é um conjunto transformável¹⁶.

O *a priori* histórico permite compreender os discursos na lei de seu devir efetivo, caracterizado pelo desencadeamento que por vezes não só utiliza e acolhe estruturas formais, bem como as exclui, esquece ou simplesmente desconhece. O *a priori* histórico faz ver a forma como se articula o domínio dos enunciados – que se caracteriza por um volume complexo – onde se encontram diferentes tipos de positivities e formações discursivas distribuídas em regiões heterogêneas. Neste domínio enunciativo desenrolam-se, segundo regras específicas, práticas discursivas em cuja diversidade funcionam sistemas de enunciados que fazem com que alguns destes sistemas apareçam como acontecimentos e como coisas. “São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*”¹⁷.

Em *Arqueologia do saber* a definição de arquivo comporta duas dimensões. De início, o arquivo designa o sistema de enunciabilidade do enunciado, ou seja, define o sistema que rege seu aparecimento, designa a lei que rege as possibilidades e impossibilidades enunciativas e que faz com que o enunciado tome a forma de acontecimento singular. Por acontecimento singular Foucault compreende o agrupamento de coisas ditas em figuras distintas, composições diversas estabelecidas segundo uma multiplicidade de relações. O arquivo neste contexto é o que faz com que as coisas ditas mantenham-se, segundo regras específicas, no corpo enunciativo, cuja existência e materialidade se concretizam no acontecer. Em um momento posterior, o arquivo designa também o sistema de funcionamento que possibilita a diferenciação de uma multiplicidade de existências discursivas e especifica a duração de cada uma destas existências. Em resumo, *arquivo* é o “conjunto de discursos efetivamente pronunciados”¹⁸, os quais o filósofo considera como um conjunto de

¹⁵ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 144.

¹⁶ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 145.

¹⁷ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 146.

¹⁸ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 145.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

acontecimentos que ocorreu num mesmo momento (ao mesmo tempo), mas que de forma alguma é estático, pelo contrário, este conjunto continua a funcionar, transformando-se através da história e possibilitando o surgimento de outros discursos.

De maneira geral o arquivo é definido como o sistema que rege a formação e a transformação dos enunciados. Faz aparecer o nível particular da prática enunciativa. Prática que faz com que uma multiplicidade de enunciados seja regularmente repetida como acontecimentos, cuja existência e materialidade adquirida os faz coisas manipuláveis. É a prática que permite a subsistência dos enunciados e ao mesmo tempo, sua modificação regular. O arquivo faz aparecer, na forma de um sistema de dispersão, as regras que organizam a prática discursiva. A revelação do arquivo, jamais alcançada integralmente¹⁹,

[...] forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo. O direito das palavras – que não coincide com o dos filólogos – autoriza, pois, a dar a todas essas pesquisas o título de *arqueologia*²⁰.

Até aqui buscamos expor sumariamente as considerações de Foucault sobre as positivities, o *a priori* histórico e o arquivo. Resta-nos ainda abordar o conceito de *epístemé*. Para o filósofo a *epístemé* “[...] é aquilo que, na positividade das práticas discursivas, torna possível a existência das figuras epistemológicas e das ciências”²¹. A *epístemé* de uma época, segundo Foucault, é um espaço de dispersão, um campo aberto onde estão distribuídos discursos e onde se dão relações entre discursos. Assim, as relações abrangidas por uma *epístemé* são descritas como de afastamento, de distâncias, de oposições e de diferenças, mas também de proximidade. Estas relações estabelecidas entre discursos determinam as práticas discursivas em uma *epístemé* determinada. O conteúdo da *epístemé* é o conjunto das relações que em uma época unem diversas práticas discursivas. Estas práticas discursivas, por sua vez, darão lugar ou não a figuras epistemológicas e eventualmente a ciências e até sistemas formalizados, ou seja, em uma *epístemé* identificam-se tanto discursos

¹⁹ O arquivo não pode ser descrito em sua totalidade. Esta impossibilidade, evidente para Foucault, se deve à extensão das coisas ditas. Mesmo que se tente reduzir a descrição à menor unidade histórica possível, a impossibilidade é manifesta. Outro aspecto desta impossibilidade de descrição se deve ao fato de que o arquivo ao qual pertencemos nos escapa. É preciso tomar distância no tempo para poder analisá-lo, “[...] já que é no interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer – e a ele próprio, objeto de nosso discurso – seus modos de aparecimento, suas formas de existência e coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento” (FOUCAULT, 2007, p. 148). A descrição do arquivo no qual estamos imersos adquire sua possibilidade quando nossos discursos começam a deixar de ser nossos.

²⁰ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 149.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

científicos quanto discursos que se encontram no limiar da cientificidade – pré-científicos. O que diferencia uma *epístemé* de outra e o que caracteriza uma *epístemé* específica é exatamente a distinção entre discursos científicos e pré-científicos, diferença que é regida pela configuração de saberes de determinada *epístemé*. Os discursos científicos – formalizados, regulamentados – que caracterizam a *epístemé* da época clássica, por exemplo, deixam de ser científicos e em alguns casos deixam até de existir para dar lugar a novos tipos de discursos científicos, novas formas de cientificidade, no limiar do século XIX. Cabe ressaltar uma característica importante de uma *epístemé*. Suas fronteiras não são de forma alguma estáticas, ao contrário, no interior de uma *epístemé* mudanças e transformações ocorrem constantemente e caracterizam discursos que, embora se distanciem no tempo, pertencem à mesma *epístemé*. Os vários tipos de discursos que pertencem à mesma *epístemé* não obedecem à mesma cronologia, no exemplo de Foucault²², “[...] a análise da linguagem no início do século XIX não tem, sem dúvida, episódio simétrico na história das matemáticas [...]. A *epístemé* não é um estágio geral da razão; é uma *relação complexa de decolagens sucessivas*.”

Conclusão

O espaço de dispersão que caracteriza uma *epístemé* confunde-se com a designação de territórios ou domínios arqueológicos estabelecida por Foucault. Em uma *epístemé*, já sabemos, estão distribuídos dispersamente discursos e nela se dão relações entre estes discursos. No interior de uma *epístemé* encontram-se as positivities, o sistema de dispersão e transformação que rege a prática discursiva, bem como o sistema de regras que regula a formação e a transformação enunciativa. É no campo aberto e extenso da *epístemé* que as positivities, os sistemas de regras e as práticas discursivas estabelecem múltiplas relações. A análise arqueológica tem um campo de ação caracterizado por um volume complexo no qual diversas regiões heterogêneas podem ser diferenciadas, regiões dispostas em diferentes níveis e que se articulam entre si.

Quanto aos territórios ou domínios arqueológicos é preciso distingui-los dos domínios científicos. De modo geral, estes dois campos diferem tanto em seu recorte quanto em seus

²¹ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 215.

²² FOUCAULT, M. *Resposta a uma questão*. p. 60.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

princípios de organização. Um domínio de cientificidade é organizado sistematicamente e obedece a certas leis de construção. Os discursos que apresentam *status* de discursos científicos obedecem às normas científicas vigentes na época em que adquiriram o estatuto de cientificidade e apresentam realmente os critérios formais estabelecidos pelas ciências legalmente constituídas. Os discursos pertencentes aos territórios arqueológicos caracterizam-se pelo fato de não se prenderem às sistematicidades e normas científicas que caracterizam os domínios científicos. Segundo Foucault²³, a demarcação do território arqueológico consiste em descobrir as mesmas regras de formação tanto em textos científicos, quanto filosóficos e até mesmo literários. É o caso do território arqueológico da gramática geral, por exemplo, que compreende tanto os devaneios de Fabre d'Olivet – cujo registro está inserido no pensamento místico por não ter recebido *status* de discurso científico – quanto a análise das proposições atributivas, cuja evidência atestava sua cientificidade.

Por fim, é a partir da prática discursiva vigente em uma *epístemé* que se dá a formação de diversas modalidades de saberes. No entanto, dos diversos saberes formados, somente alguns darão lugar a elaborações científicas, ou seja, a discursos portadores do *status* de cientificidade. Vale ressaltar que os discursos pré-científicos formados pela mesma prática discursiva não representam um esboço nem um subproduto de uma ciência constituída. Todos estes elementos estão inseridos em uma formação discursiva que tem como pano de fundo o saber, um nível mais geral que possibilita a produção de qualquer discurso e de qualquer texto. O saber não está contido somente em textos científicos validados, mas pode ser encontrado em narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas, reflexões e até mesmo em ficções. O saber é definido como um conjunto de elementos formado pelas regras da prática discursiva que irão ou não adquirir *status* científico e dos quais podemos falar em uma prática discursiva. O saber, como espaço, autoriza ao sujeito tomar posição para falar dos objetos de seu discurso. Como campo, coordena e subordina enunciados nos quais aparecem, aplicam-se, definem-se e transformam-se conceitos. O saber é, por fim, o domínio de possibilidades de apropriação e de utilização oferecidas pelo discurso.

Contrapondo o saber à *epístemé* concluímos que ele representa um nível ainda mais geral no qual se pode estabelecer as fronteiras de uma *epístemé*. Sobre o pano de fundo do saber delimitam-se os territórios arqueológicos (solos epistemológicos, *epístemés*), descrevem-se positivamente, formam-se ciências e se dão práticas discursivas. O saber é uma

²³ FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. p. 205.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

delimitação silenciosa que parece ter tomado forma somente no contexto de *Arqueologia do saber*. Desta forma, todas as pesquisas que tiveram por objeto a psiquiatria, a medicina e as ciências humanas, representam um domínio restrito inserido em uma região ainda mais ampla e inesgotável que é o saber.

Referências

- Foucault, Michel. *Arqueologia do saber*. 7 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas: Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *Entrevista com Michel Foucault*, por Sérgio Paulo Rouanet e José Guilherme Melchior. In: *O homem e o discurso*. 2 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. *Resposta a uma questão*. Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva. In: *Tempo Brasileiro*, 28, pp. 57-81, jan-mar 1972.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- REVEL, Judith. *Foucault conceitos essenciais*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 137-149
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------